

A figuração de paisagens, personagens e eventos típicos da América Latina tornou-se marcante na produção cultural brasileira ao longo das décadas de 1960 e 1970. Animada pelo impacto simbólico da Revolução Cubana e pelas discussões sobre o papel político dos intelectuais num mundo polarizado, uma geração de artistas deixou-se embalar pelo *ser ou não ser* latino-americano, vislumbrando uma identidade continental que oscilava entre o mito e a luta.

Guiado pelo objetivo de compreender esse processo, bem como o seu esgotamento a partir dos anos 1980, este livro realiza uma leitura ao mesmo tempo ampla e minuciosa, que parte da longínqua "América", do poema de Drummond, e chega até as efusivas canções americanistas de Capinam, Gilberto Gil e Belchior, passando ainda por várias referências a Che Guevara, Pablo Neruda e Salvador Allende.

Mas é na poesia de Ferreira Gullar e Thiago de Mello que a análise mais se desdobra no intuito de examinar suas respostas extremas ao anseio comunitário. Temos, assim, uma leitura altamente original da já decantada obra de Ferreira Gullar e, não menos importante, um esforço de desbravamento analítico da obra de Thiago de Mello, poeta ainda tão carente de estudos de fôlego. Como provavelmente nenhuma outra, essas duas poéticas incorporam em sua constelação de sentidos o horizonte da integração latino-americana, colocando em discussão as fronteiras geográficas e culturais dessa ilha chamada Brasil.

Marcelo Ferraz de Paula

Poesia & Diàlogos
numa ilha chama Brasil:

A América Latina na obra poética de
Thiago de Mello e Ferreira Gullar

EDUNILA
Editora da
Universidade Federal da
Integração Latino-Americana

© 2016 EDUNILA – Editora Universitária

Ficha catalográfica elaborada pela BIUNILA – Biblioteca Latino-americana

P324p Paula, Marcelo Ferraz de.

Poesia & diálogos numa ilha chamada Brasil: a América Latina na obra poética de Thiago de Mello e Ferreira Gullar / Marcelo Ferraz de Paula. - Foz do Iguaçu (PR): EDUNILA, 2016

ISBN: 978-85XXXXXXXX

1. Literatura e sociedade. 2. Literatura comparada – América Latina 3. Representação social – literatura. 4. Mello, Thiago, 1926 - . 5. Gullar Ferreira, 1930-2016. Título.

CDU (2ed.): 070.1

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou trasmitida por qualquer meio ou forma sem prévia autorização por escrito da EDUNILA – Editora Universitária.

EDUNILA – Editora Universitária
Av. Tancredo Neves, 6731 – Bloco 4
Caixa Postal 2044
Foz do Iguaçu – PR – Brasil
CEP 85867-970
Fones: +55 (45) 3529-2749 | 3529-2788
editora@unila.edu.br
www.unila.edu.br/editora

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Gustavo Oliveira Vieira *Reitor* Pro Tempore
Cecilia Maria de Morais Machado Angileli *Vice-reitora* Pro Tempore

EDUNILA – EDITORA UNIVERSITÁRIA

Andrea Ciacchi *Coordenador-geral*
Edson Carlos Thomas *Administrador*
Francieli Padilha B. Costa *Programadora Visual*
Natalia de Almeida Velozo *Revisora de textos*
Nelson Figueira Sobrinho *Editor de publicações*

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Ciacchi *Coordenador da Editora Universitária*
Nelson Figueira Sobrinho *Representante da Coordenação Executiva*
Elaine Aparecida Lima *Representante dos técnico-administrativos em educação da UNILA*
Thaís Milene de Oliveira *Representante dos discentes da UNILA*
Gil Félix *Representante do Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política (ILAESP)*
Ulises Bobadilla Guadalupe *Representante do Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT)*
Laura Márcia Luiza Ferreira *Representante do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH)*
Marcela Boroski *Representante do Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza (ILACVN)*
Debbie Guerra *Universidad Austral de Chile*
Idalia Morejón Arnaiz *Universidade de São Paulo (USP)*
Norma Hilgert *Universidad Nacional de Misiones (Argentina)*
María Constantina Caputo *Universidade Federal da Bahia (UFBA)*

EQUIPE EDITORIAL

Nelson Figueira Sobrinho *Preparação, edição e revisão de textos*
Natalia de Almeida Velozo *Revisão de textos (Língua portuguesa)*
Jacqueline Bohn Couto *Revisão de textos (Língua portuguesa)*
Francieli Padilha B. Costa *Projeto Gráfico, Capa e Diagramação*

8 Apresentação

12 Introdução
Poesia e diálogos numa ilha chamada Brasil 13

13 A Geração Que Quis Ser Latino-Americana
O Brasil dos anos 1950: poesia e política 25
As máscaras e os espelhos: latinidade e militância poética 34
Do drama linguístico ao engajamento poético: notas sobre duas poéticas que se cruzam..... 43
Engajamento, PCB e América Latina 62

82 "A Lucidez do Sonho Arando o Ar": Eixos de Uma Poética Americanista
A identidade latino-americana entre o mito e a luta 83
Pablo Neruda, o "interlocutor geral"..... 110
Revolução Cubana e seus ecos na latinidade..... 127
Dentro da noite americana 147

162 América Vista do Exílio
Os exilados dos anos de chumbo..... 163
A experiência chilena: ascensão e queda 194
Poema Sujo e a São Luís latino-americana 218
A língua do exílio e a língua do diálogo..... 232
Saudades da utopia ou vergonha de um dia ter sonhado?..... 245
Globalização e América Latina, memória e resistência..... 258
De uma vez por todas, América 264
Entre as ruínas da memória, ruínas de América..... 282

289 **Suplemento: Outras Paragens**

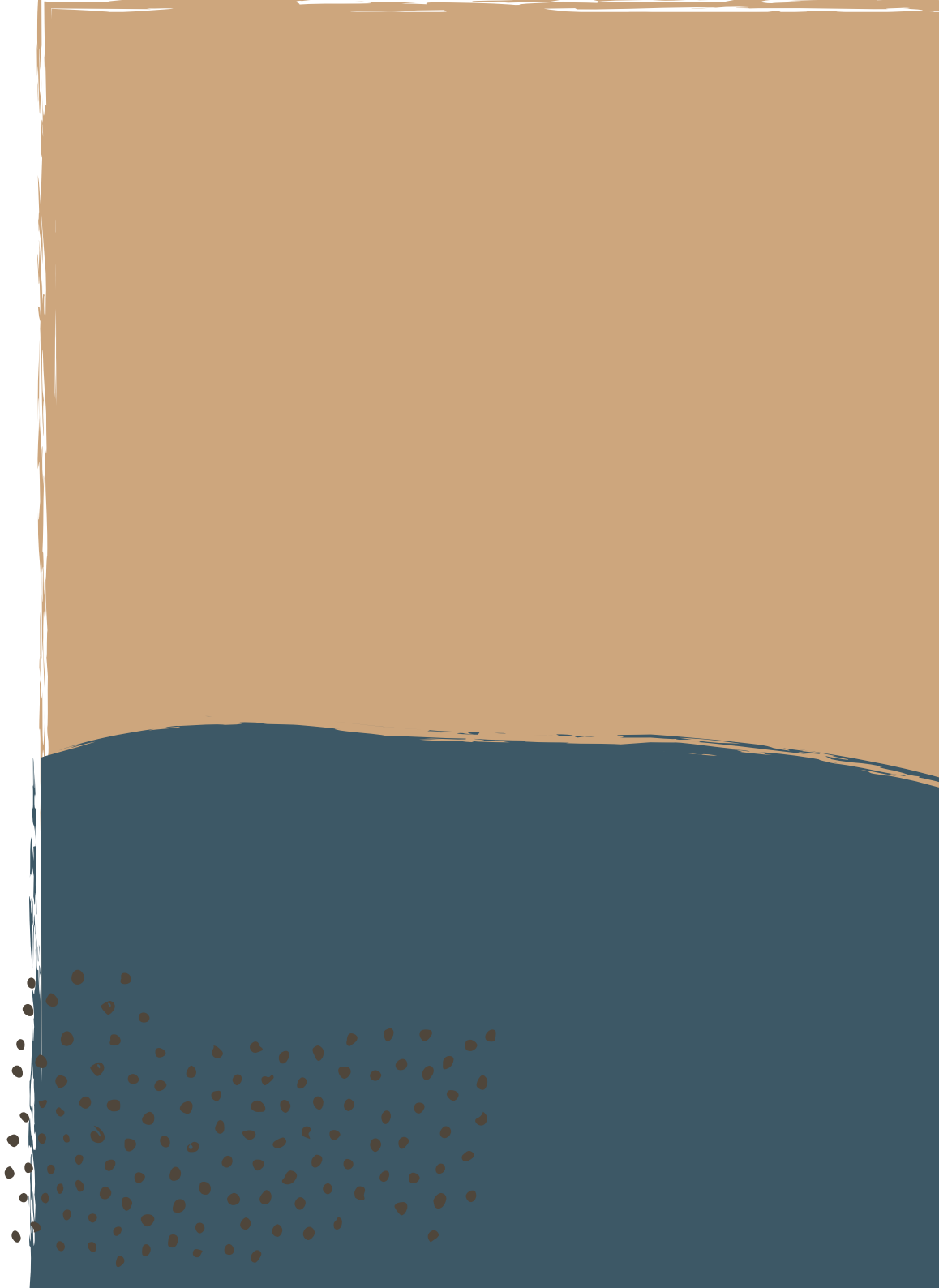
Neruda no Brasil,
o Brasil em Neruda 299

318 **A América Latina na Música Popular Brasileira: Dois Idiomas e Um Coro-Canção**

A ilha e as pontes 319
O palco e a canção 325
A memória e os discos 336

340 **Referências**

Dos autores estudados 341
Sobre os autores 343
Textos teóricos e críticos 346
Discos e filmes 354



APRESENTAÇÃO

Este livro acompanha algumas investidas da cultura brasileira, notadamente da poesia, na construção de um diálogo mais profícuo entre os países da América Latina. É também, sob esse enfoque, uma análise das trajetórias de Thiago de Mello e Ferreira Gullar, dois poetas de relevo no cenário da poesia brasileira contemporânea, o primeiro deles ainda pouco estudado pela crítica especializada. Os dois autores incorporaram em suas obras uma aspiração comunitária que levou parte da intelectualidade brasileira a sonhar com uma "pátria grande", a superar suas fronteiras nacionais e buscar o seu lugar no mundo polarizado que emergia após a Segunda Guerra Mundial. Os eventos históricos que contribuíram com esse desejo comunicante, as suas dificuldades de formalização, as tensões, os dilemas, os resultados estéticos e os resquícios dessa investida formam o núcleo da reflexão que ocupa as próximas páginas.

Parte substancial da obra foi defendida como tese de doutoramento, no ano de 2012, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do professor Mário César Lugarinho. A banca examinadora foi composta, além do orientador, pelos professores Benjamin Abdala Junior (USP), Emerson da Cruz Inácio (USP), Ivan Rodrigues Martin (UNIFESP) e pela professora Livia Maria de Freitas Reis (UFF). No exame de qualificação o trabalho contou também com as generosas sugestões do professor Jorge Vicente Valentim (UFSCar). A todos eles deixo registrados os meus mais sinceros agradecimentos, especialmente ao Mário e ao Emerson, pela convivência alegre e as fartas lições de dedicação e vigor intelectual que me proporcionaram durante a pesquisa.

Ao texto base da tese foram acrescentados, como suplemento, dois artigos escritos no mesmo período e animados pelas mesmas inquietações: "Neruda no Brasil, o Brasil em Neruda" e "A América Latina na música popular brasileira: dois idiomas e um *coro-canção*". Apesar da diferença de enfoque e de já terem conhecido publicação em revistas acadêmicas, estou convicto de que eles não encontrariam lugar mais adequado do que neste livro, alargando a dimensão da proposta e o alcance de seus resultados, sem, contudo, sacrificar a unidade do trabalho.

Desde a defesa foram várias as investidas sobre o texto que encontra, aqui, a sua forma definitiva. Num primeiro momento, para incorporar as contribuições da banca. Depois, para remodelar três tópicos para publicação em revistas e anais de eventos e, por fim, para apurar a análise visando os ajustes finais para a publicação em forma de livro. Apesar dessas intermitentes retomadas, ao longo de quase cinco anos, o núcleo da discussão segue o mesmo e, fora o acréscimo de novos dados e a revisão de alguns argumentos, as principais alterações se deram no plano estilístico.

Não posso deixar de agradecer profundamente aos colegas e estudantes da Universidade Federal de Goiás, pois nas conversas amistosas e interessadas sobre esta pesquisa convenceram-me que não seria mera vaidade publicar este trabalho. Também agradeço com muito carinho à Ligia Micas e Adriana Bezerra, que em anos de amizade sempre compartilharam esse fascínio pela América Latina que o rigor analítico da pesquisa em momento algum tentou encobrir. Agradeço, enfim, aos amigos que apoiaram, de muitas formas, a realização deste trabalho: Eloy San Carlo, Fagner Correa, Brunna Laboissiere, Ivana Gonçalves e Priscila Purificação. E aos poetas estudados, ambos solícitos durante a pesquisa.

Semanas antes da defesa, recebi de Thiago de Mello a sua bela tradução de poetas hispano-americanos reunidos numa vasta antologia. Na dedicatória, uma pergunta com ar de provocação: "quando nós brasileiros descobriremos que somos latino-americanos?". A resposta esse livro não vai dar. Mas espera mostrar como e por que ela foi tão buscada num passado recente dessa ilha chamada Brasil. Cabe, enfim, complemen-tar essa breve apresentação parafraseando livremente José Saramago: a capacidade de mirar a ilha talvez seja um presságio de que já não estaríamos mais nela.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
Art. 4º parágrafo único

INTRODUÇÃO

Poesia e diàlogos numa ilha chamada Brasil

A imagem de um Brasil insular, provocativamente utilizada neste livro, encontra fundamento numa condição ao mesmo tempo geográfica e histórico-cultural que ajuda a explicar o nosso lugar no mundo moderno, hoje sob a batuta da chamada globalização. Por um lado, temos o Brasil distante da antiga metrópole portuguesa e dos países africanos com os quais compartilha o idioma, por conta da extensão abismal do Oceano Atlântico. Por outro lado, o país permanece à deriva numa América onde predomina a língua espanhola das nações vizinhas, sendo o idioma um muro não menos robusto para a inserção do país em um ideal americanista. Não por acaso, estes dois horizontes — a América Latina e os países de língua portuguesa — se constituem como espaços privilegiados, no caso do Brasil, para uma aproximação de fundo comunitário, devido às várias convergências históricas, sociais, econômicas e de certa afinidade cultural capaz de justificar um contato mais profundo entre os países.

Na configuração do discurso identitário nacional, a imagem da ilha deixa revelar, conforme sugere o ilustre intelectual português Eduardo Lourenço (1999), fortes indícios de soberba e de uma ilusória autossuficiência por parte dos brasileiros. A conformidade, quase o orgulho, diante do isolamento, aliado a um nacionalismo pendular, ora eufórico ora envergonhado, revela um esforço constante em ocultar

o passado e, consequentemente, negligenciar o futuro. Em nosso imaginário cultural, o futuro ainda costuma se confundir com um porvir automático já contido nos gérmens da identidade brasileira desde, salvo engano, o Romantismo, acomodado no mito do "país do futuro"[1], discurso no qual podemos decifrar facilmente a certidão de "um país sem passado". Porém, do mesmo modo que serve para apontar o orgulho contido nessa sensação de "autonomia natural" (o termo é ainda de Lourenço) a metáfora da ilha também pode ser lida como indício de acanhamento e solidão. Gera incômodo, exige saídas, diálogos, pontes.

Em um momento não muito distante da história brasileira, durante as décadas de 1960 e 1970, o desejo de superação da condição insular esteve em grande voga no debate cultural brasileiro, com abundantes exemplos na música popular, nas artes plásticas e na literatura. No horizonte daquela geração, fulgurava principalmente a consciência de uma América Latina subdesenvolvida, explorada, desigual, farta de afinidades irrecusáveis e prenhe de uma ação política comum. A história traumática do passado colonial era atualizada no discurso político da época, engajada em

1 Quando defendi esta tese, em meados de 2012, deixei aqui uma nota de rodapé assinalando a possibilidade de esse futuro, enfim, ter chegado, mesmo que de um modo bem mais modesto do que a mitologia tupiniquim auspiciava. Era tempo de crescimento econômico regular, estabilidade política, relativa prosperidade e êxitos da política externa brasileira, com o impacto do G20 e dos BRICS, além do anúncio da realização dos grandes eventos esportivos no país — fatos que indicavam uma consolidação do Brasil como protagonista global. A crise econômica, a miséria política e o pessimismo reinante no momento em que apresento, em forma de livro, essas reflexões, indicam, mais do que simples erro de cálculo ou entusiasmo ingênuo, um traço constante em cada um dos ciclos de modernização conservadora no Brasil, do qual o neodesenvolvimentismo recente nunca foi uma saída, mas uma etapa.

denunciar um presente de dependência econômica e penúria causada pela ação imperialista, amplificada até o extremo de ser denunciada como a razão cabal de todos os nossos males. Ativado por um discurso frequentemente inflamado, o ideal de uma América Latina unida, a superar a arbitrariedade de suas fronteiras, era adotado principalmente pela vertente revolucionária de nossos intelectuais, que miravam um futuro comum de libertação e justiça social. Era, portanto, um discurso promulgado por artistas adeptos ou simpatizantes dos ideais de esquerda que, naquele período, ocupavam algumas das fileiras mais destacadas do pensamento cultural latino-americano, inclusive no Brasil (SCHWARZ, 1978).

Tomando como ponto de partida algumas das manifestações poéticas do período, o estudo que apresento neste livro assume a tarefa de compreender como a produção poética brasileira se irmanou na difusão e construção de uma identidade latino-americana. Defendo, pois, que a aspiração americanista foi tema dos mais relevantes para a nossa produção literária e que, por conta disso, merece uma discussão mais prolongada, atenta à diversidade de visões que ela suscita. Sendo assim, me interessa debater as potencialidades estéticas abertas pelo horizonte comunitário, buscando compreender as pontes imaginárias e utópicas erguidas na cultura brasileira em nome da latinidade, a consistência de suas bases e a extensão das suas vias. Aos que compartilham o desejo de aproximação solidária e mútuo conhecimento entre os países latino-americanos, reler a poesia desse período é, ao mesmo tempo, uma forma de alento e um desafio ao otimismo apressado. Em tempos em que a generosidade contida no gesto de olhar ao redor

e se identificar solidariamente com o outro é vista como um idealismo pueril e anacrônico, a poesia aqui examinada assume um consciente caráter de resistência, na medida em que *re-significa* de múltiplas formas o que é ser latino-americano e pressupõe que a compreensão do outro é descoberta, aprendizado e também um caminho indispensável para o conhecimento de si.

Para evitar os riscos do panorama inócuo, optei por acompanhar mais de perto a trajetória de dois dos mais atuantes poetas brasileiros da segunda metade do século XX: o maranhen-se Ferreira Gullar e o amazonense Thiago de Mello. Ambos viveram intensamente a esperança de transformação social impulsionada pela palavra poética e sofreram as cotradições e, em grande medida, as desilusões deste projeto. Principalmente, encontramos nos autores uma presença abundante de temas relacionados à temática americanista aqui discutida: ora de maneira indireta, por meio de poemas que resgatam paisagens, personagens e eventos de países da América Hispânica, ora proclamando diretamente um sentimento identitário voltado para ação conjunta, sustentado pela crença numa "pátria grande" e na defesa figurativa da integração continental como estratégia libertária.

O viés comparativo da análise coloca em questão semelhanças, diferenças e contatos entre os universos poéticos mencionados. No campo das semelhanças, chama atenção a trajetória paralela dos autores, contemporâneos no sentido mais profundo do termo. Ambos começaram a publicar no começo dos anos 1950 e iniciaram uma publicação enquadrada no que se convencionou chamar de "poesia engajada" durante a década de 1960. Vale ressaltar, desde já, que sempre que

utilizar a expressão "engajamento" — daqui para frente escrita sem a polidez das aspas — ou suas variantes de sentido similar (poesia comprometida, poesia participante), estarei me referindo à opção formal destas obras de não omitir, mascarar ou deslocar as posições políticas de seus autores, assim como sua disposição mais ou menos declarada a participar ativamente de uma *práxis*, procurando imprimir no trabalho artístico uma função de combate e de desmascaramento das forças hegemônicas.

Por conta da opção pelo engajamento e pela militância, os poetas foram vítimas da ditadura brasileira, sofrendo violentas perseguições, prisões e, posteriormente, exilando-se em países hispano-americanos, momento de fundamental importância para as representações da latinidade em suas obras e que, nos livros mais recentes, segue sendo motivo de rememoração em vários poemas. Aliás, outro ponto explorado no decorrer da pesquisa, e que justifica a ênfase dirigida a esses poetas, é a longevidade de suas produções. Ambos continuaram escrevendo nas décadas de 1990 e 2000, momento em que a tendência americanista caía em descrédito na literatura brasileira, aparentemente ficando confinada ao superado contexto de dualidade ideológica da Guerra Fria. Refletir sobre os caminhos trilhados nessa nova etapa e discutir as alterações desenvolvidas pelos poetas no tratamento dado à temática latino-americana nas obras mais recentes são objetivos que as duas poéticas, e provavelmente somente elas, permitem realizar com desenvoltura.

No entanto, tais coincidências só se tornam plenamente fecundas quando utilizadas para esclarecer os caminhos contrários que escolheram para elaborar suas obras. Ferreira

Gullar ficará marcado na literatura brasileira como poeta de exuberante ousadia formal, experimentalista, radical, inquieto. É precisa a afirmação de João Luiz Lafetá (2007) que o considerava um verdadeiro "repórter do nosso tempo", por ter se comportado como uma espécie de para-raios de todas as polêmicas e crises literárias que agitaram o cenário poético brasileiro da segunda metade do último século. Da mais obstinada desfiguração da linguagem em seu primeiro livro, *A Luta Corporal* (1954), passando pela experiência vanguardista do concretismo e do neoconcretismo, até chegar à poesia de pretensão popular dos versos de cordel e, enfim, à maturidade daquilo que Alfredo Bosi (2004) definiu como "memorialismo engajado", Ferreira Gullar atravessa as questões sociais e os debates estéticos mais controversos do período.

Thiago de Mello é exemplo de postura praticamente oposta Nunca foi poeta de extravagâncias formais, pelo contrário, é mais lembrado pelo prosaísmo bem-comportado de seus versos do que pela adesão eufórica aos modismos cultuados. Sua obra corresponde a uma regularidade quase obsessiva de temas e formas, nos quais a técnica poética está, pelo esforço da própria voz criadora, ocultada num plano longínquo, cuidadosamente filtrada de esteticismos esnobes ou hermetismos gratuitos. A carga dramática de seus versos é depurada e escondida por uma fachada de extrema comunicabilidade. É modelo de uma poesia genuína, mais próxima da quietude proporcionada pela confiança na expressão poética do que à fúria trágica da linguagem moderna. Predomina a simplicidade dos versos metrificados tradicionais — ainda que sem purismos de linguagem — de aparência espontânea e fluente.

Tais especificidades, como não poderia deixar de ser, se desdobram na recepção crítica das obras estudadas. Ferreira Gullar possui uma fortuna crítica sólida, na qual se destacam ensaios de críticos do porte de Alfredo Bosi (2004), Antônio Carlos Secchin (2010), João Luiz Lafetá (2007), Alcides Villaça (1984) e Eleonora Ziller Camenietzki (2006), além de incontáveis resenhas, teses e artigos acadêmicos que acompanham as diversas etapas de sua trajetória, examinam aspectos de seu estilo e analisam com minúcia seus livros e poemas mais celebrados. Ao contrário disso, a bibliografia em torno da obra de Thiago de Mello é incipiente, contando com poucos artigos esparsos que não chegam a formular uma interpretação global da obra e tampouco empreendem uma leitura mais detida de seus poemas, oscilando entre a celebração acrítica do autor e o crivo performático da crítica demolidora.

Sem dúvida, o desequilíbrio no estágio da discussão crítica sobre os autores lança alguns desafios para o exame comparativo aqui proposto. Ainda que a investigação se concentre num tema específico, no caso a presença da América Latina, não se pode ignorar o lugar desta temática na constelação poética de cada obra. Nesse sentido, fica patente um certo desnível de prestígio dos dois poetas; desnível que esse livro, em vez de mascarar, procura debater sem recorrer a preconceitos e leituras automatizadas. A cautela adotada nos juízos críticos feitos ao longo da análise se dá para que o maior reconhecimento da crítica em relação à poesia de Gullar, sua rápida assimilação pelo cânone literário e o consenso sobre a relevância de sua obra não sirvam apenas

para eclipsar o outro objeto da comparação, a obra menos aplaudida de Thiago de Mello[2].

No que se refere, portanto, a uma eventual contribuição para o estudo desses autores, não pretendi escapar de uma inevitável limitação. As considerações sobre Ferreira Gullar estão amplamente apoiadas em pesquisas anteriores, por isso procuram avançar em direção a um tópico importante de sua obra que, acredito, ainda não havia sido explorado a fundo em sua volumosa fortuna crítica. Graças ao avanço nas discussões sobre o poeta, a pesquisa reuniu subsídios suficientes para partir de alguns pressupostos e avançar com mais segurança na discussão, articulando a temática latino-americana com as facetas mais reconhecidas do poeta maranhense.

No caso de Thiago de Mello, a ausência de um alicerce crítico exige um constante movimento especulativo. Senti constan-temente a necessidade de formular uma apreciação a respeito do conjunto da obra, muitas vezes arriscando apontar questões ainda duvidosas. O leitor notará que algumas hipóteses de leitura lançadas ao conjunto da poesia de Thiago de Mello se reconhecem bastante provisórias e sua função, além de contribuir para futuros estudos que encarem o desafio de uma abordagem geral da obra do autor, é a de

2 Durante a elaboração da pesquisa, ao conversar com colegas de países da América Latina — Cuba, Argentina e Chile, mais precisamente — fiquei surpreso ao descobrir que muitos reconheciam e falavam com bastante carinho da obra de Thiago de Mello, enquanto a maioria dizia desconhecer, ou conhecer apenas superficialmente, a poesia de Gullar. A situação é completamente oposta à que testemunhei quando apresentava a pesquisa em congressos pelo Brasil: entre os colegas daqui, é absolutamente predominante o desconhecimento de Thiago e a familiaridade com Gullar. Mais à frente tento expor algumas hipóteses para esse fenômeno, mas antecipo aqui essa reveladora curiosidade.

construir um terreno favorável para empreender um avanço contextualizado sobre o tema da latinidade, que julgo central em sua poética.

Para desenvolver tais questões, o livro está organizado em capítulos que seguem uma ordem cronológica bastante flexível, antecipando ou retomando informações cada vez que o movimento da reflexão assim exige. Desse modo, percorro os principais acontecimentos da segunda metade do século XX no Brasil e na América Latina como um todo, a partir da leitura de alguns poemas estratégicos que evocam o desejo de diálogo entre os países do continente. Parto inicialmente do momento de inauguração das duas poéticas estudadas, na década de 1950. Em seguida, discuto com mais delonga a decisiva passagem dos autores para uma poesia de fundo participativo, ligada a outros segmentos do movimento social da época, como os Centros Populares de Cultura (CPCs) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Na década de 1970, destaco o exílio dos autores em países latino-americanos e, por fim, já para o final do século, uma breve etapa de transição da euforia coletiva ao drama individual, que culminará, nos anos 1990, na crise final do comunismo soviético, seguida pela consolidação da economia neoliberal e a intensificação daquela que seria uma de suas facetas mais abrangentes, a globalização.

Resta, pois, ao fim do trabalho, indagar as contribuições das obras aqui estudadas para se pensar as relações entre esta ilha chamada Brasil e os países hispano-americanos e vasculhar o espaço possível do diálogo e a atualidade destas obras num momento de disforia e elevada desconfiança frente aos arranjos comunitários, em grande parte sufocados pela urgência dos acordos estritamente comerciais priorizados pela globalização neoliberal. Acordos verificados, por exemplo,

nas principais conquistas do Mercosul ou da Unasul, órgãos em que a solidariedade cultural e o mútuo conhecimento entre os países-membros são propostas marginais, quase decorativas, em comparação à alardeada urgência do fortalecimento de mercados.

No campo inverso, mas não menos importante, indago em que medida o breve lampejo da utopia americanista durante o período estudado contribuiu para o enriquecimento de nossa poesia. Em que medida os poetas estudados ampliaram sua expressão com o alargamento da perspectiva nacional e os diálogos então semeados? O que restou daquele ímpeto? Que poemas mantêm em sua tessitura formal as marcas felizes e tensas de um encontro com o "outro"? Um "outro" que ultrapassa qualquer exotismo eufórico, qualquer dado arbitrário de irmandade idealizada e que crava em nossa experiência cultural a marca da solidariedade e dos desafios de convivermos, não como irmãos, incapazes que somos de falar a mesma língua, mas como amistosos conhecidos. Neste processo de *re-conhecimento*, é provável que a poesia — e a reflexão sobre a poesia — possa prestar uma valiosa contribuição ao diálogo, com seu manancial de imagens, ritmos e enlaces.

Poesia&Diálogos

CAPÍTULO

A GERAÇÃO QUE QUIS SER LATINO-AMERICANA

O Brasil dos anos 1950: poesia e política

Durante o período que caracterizou a chamada Guerra Fria, a América Latina teve, talvez de maneira inédita em sua história, uma destacada importância estratégica no cenário global. Diferentemente do papel secundário exercido nas duas grandes guerras, o continente assumiu um inesperado protagonismo na geopolítica mundial conforme se tornava cada vez mais tenso o dualismo ideológico causado pelo conflito de influências entre EUA e URSS. Ao comentar o caráter global da Segunda Guerra Mundial, o historiador Eric Hobsbawm faz questão de ressaltar a participação secundária da América Latina no conflito, "participando apenas de forma nominal da guerra" (HOBSBAWM, 2010).

Transpondo essa afirmação para o plano artístico, podemos identificar reflexos dessa condição em diversas obras literárias brasileiras típicas da Segunda Guerra Mundial, como o poema "Carta a Stalingrado", de Carlos Drummond de Andrade (1983). Nele, o sujeito lírico expressa uma sensação de distância em relação aos acontecimentos fatídicos da guerra, dos combates e lutas sangrentas que se travavam numa longínqua, embora liricamente aproximada pelo ímpeto solidário do sujeito, Europa: "A *tamanha distância* procuro, indago, cheiro destroços sangrentos" (ANDRADE, 1983, p. 202; grifo meu). Os embates decisivos se dão a muitos quilômetros, chegam ao sujeito, perplexo e solidário, apenas como notícias